



O conceito de amor e sua construção identitária

El concepto de amor y su construcción identitária

Bruna Sterza Nicoletta*

Universidade Federal de São Paulo
bru.snicoletta@hotmail.com

Fabiola Pozuto Josgrilberg**

Universidade de São Paulo
fabiola@leiben.com.br

Recebido em: 17/04/2023

Aceito em: 26/06/2024

* Psicóloga clínica formada pela PUC, mestre em Psiquiatria e Psicologia Médica pela UNIFESP e especialista em psicologia fenomenológica e hermenêutica pelo Instituto Dasein.

** Doutora em psicologia pela USP, mestre em Psicologia Clínica pela PUC, graduada em psicologia pela Umesp, docente associada do curso de especialização em psicologia fenomenológica e hermenêutica do Instituto Dasein e docente convidada do curso de especialização em psicopatologia fenomenológica da FCMCSSP.

Resumo

A fim de elucidar questionamentos acerca da construção histórica do amor na atualidade e como ele é desenvolvido no imaginário populacional, bem como isso afeta as dinâmicas de relacionamento em nossa sociedade, este texto tem como objetivo romper com a narrativa disseminada sobre vínculos tóxicos, comumente baseada em descrições padronizadas de relacionamento, buscando aumentar a lente para o ser humano e seus modos de se relacionar cotidianos, embasando-se no método fenomenológico-hermenêutico. Há uma breve discussão sobre a compreensão do ser humano a partir do olhar heideggeriano, seguida de uma descrição do amor romântico e da pós-modernidade. Por fim, uma reflexão sobre os modos atuais de relacionamento a partir de uma perspectiva clínica fenomenológico-hermenêutica, considerando o conceito de violência identitária.

Palavras-chave: amor; fenomenologia hermenêutica; relações interpessoais; violência identitária

Resumen

Con el objetivo de comprender la construcción histórica del amor en la actualidad y cómo se desarrolla en el imaginario de la población, así como también cómo incide en las dinámicas relacionales de nuestra sociedad, este artículo pretende romper con la narrativa difundida sobre los vínculos tóxicos, comúnmente basados en descripciones estandarizadas de las relaciones, buscando mejorar la comprensión de los seres humanos y sus formas cotidianas de relacionarse, a partir del método fenomenológico-hermenéutico. Hay una breve discusión sobre la comprensión del ser humano desde el punto de vista heideggeriano, seguida de una descripción del amor romántico y la posmodernidad. Por último, una reflexión sobre las formas actuales de relacionarse desde una perspectiva clínica fenomenológico-hermenéutica, considerando el concepto de violencia identitaria.

Palabras clave: amor; fenomenología hermenéutica; relaciones interpersonales; violencia de identidad



O amor, com suas inúmeras e diferentes interpretações e conceituações, é uma questão que frequentemente permeia a história ocidental e suas diferentes leituras propiciam a co-constituição dos indivíduos numa sociedade. A partir de binômios, como encontro – desencontro, achar – perder, razão – emoção, podemos nos deparar com notáveis literaturas mitológicas e até mesmo atuais, como filmes e seus crimes passionais, pinturas, grandes poetas, diretores e escritores que passaram, boa parte da vida, dedicando-se ao tema.

Segundo BRAZ (2005), na mitologia greco-romana há algumas versões de mitos sobre Eros (Deus do amor) que possibilitam uma visão mais abrangente desta ambiguidade histórica do amor. Uma das versões infere que os deuses criaram os espaços, o dia, a noite, a terra e o inferno, nos quais não se desenvolvia vida. Sendo assim, Eros tornou-se o gerador do processo de união. Na versão de Hesíodos, Eros é responsável pela união amorosa entre todos os seres, possibilitando a procriação de tudo que há no universo. É a força da fecundação e multiplicação e, conseqüentemente, perpetuação da vida.

No período de domínio romano, despontaram outras versões da mitologia e Eros passou a ser visto como um deus de categoria inferior. Por estar entre os humanos e as divindades, era depreciado. Na mesma direção, outra índole foi atribuída ao deus do amor; na versão de Eurípides, quando Eros tem duplo caráter: em um momento era força perigosa que provocava a ruína dos homens e, em outro, o poder que levava a virtude e a salvação aos homens (BRAZ, 2005). Em outra versão - e mais conhecida, Eros é caracterizado como um menino alado, travesso e que jamais cresceu. De acordo com esse mito, o cupido se apresenta de olhos vendados, armado em uma das mãos com um arco e flecha e segurando, na outra, um globo, que às vezes é substituído por uma tocha.

Neste exemplo mitológico, fica explícita a ambiguidade do amor. O que faz com que ele seja visto de maneira depreciativa a ponto de causar ruínas dos homens e, ao mesmo tempo, também ser algo virtuoso? Qual é a construção histórica do amor na atualidade e como ele é desenvolvido no imaginário populacional? Como a compreensão do amor afeta a dinâmica de relacionamento em nossa sociedade?

A fim de iniciar um breve entendimento desses questionamentos, este texto tem como objetivo tentar romper com a narrativa disseminada sobre vínculos tóxicos e/ou abusivos, comumente baseada em descrições padronizadas de relacionamentos e que deixam de olhar para o fenômeno em si, buscando aumentar a lente para o ser humano e seus modos de se relacionar cotidianos, embasando-se no método fenomenológico-hermenêutico.

Para tanto, o texto será dividido em três partes. Inicialmente, há uma breve discussão sobre a compreensão do ser humano a partir do olhar heideggeriano, seguida de uma descrição do amor romântico e da pós-modernidade. Por fim, uma reflexão sobre os modos atuais de relacionamento a partir de uma perspectiva clínica fenomenológico-hermenêutica.



Uma breve descrição do ser

A fenomenologia nasce a partir do filósofo Husserl (1859 – 1938), que propõe um método filosófico cujo olhar voltasse às coisas mesmas, ou seja, às raízes do conhecimento, ao fenômeno (da palavra grega *phainomenon*, derivada do verbo *phainesthai* - aquilo que se manifesta). Tal experiência só pode ser captada na intencionalidade da consciência: quando penso, penso sobre alguma coisa (FORGHIERI, 1984).

HEIDEGGER (1889-1976), aluno de Husserl, escreveu sua obra *Ser e Tempo* (1927) a fim de compreender a questão do sentido do ser. Antes de inferir sobre uma consciência intencional, discordando de seu professor, afirma que faz-se necessário pensar sobre o próprio ser, realizando uma analítica do ser-aí, constituído na existência.

A partir do uso da palavra ‘existência’, Heidegger apresenta aos leitores a sua proposta de não seguir o caminho da metafísica, uma vez que existência, dentro da fenomenologia hermenêutica, não diz respeito àquilo que é factível, objetificado, evidente. Seu uso vem de *ek-sistere*: mostrar-se, manifestar-se, ser para fora. Sendo assim, Heidegger compreende a existência, em seu modo de ser ‘para fora’, como uma estrutura originária do ser. A essência do ser humano é a existência. Para ele, existir é estar em jogo com o seu próprio ser. O autor utiliza a palavra alemã *Dasein* - uma tradução da palavra latina *existencia* - para definir especificamente o ser-o-aí do humano (DASTUR & CABESTAN, 2015) como desvelamento, clareira, abertura e caracteriza este ser a partir da radicalidade da intencionalidade, ou seja, o ser é constituído pelo seu movimento ekstático, para fora. Deixa-se de lado a compreensão de consciência intencional - antes expressa por Husserl - para compreender o ser como intencionalidade.

O autor, em sua obra, discorre sobre a analítica de *Dasein* a partir de uma ontologia que compreende o ser como um existente originariamente (inicia e se mantém) indeterminado, sem propriedades constitutivas, também denominada de negatividade ontológica. Tendo como essência a sua existência, sua principal característica é o poder-ser, como mencionado por VATTIMO (1989):

Dizer que o homem existe não pode, pois, significar que o homem seja algo dado, porque aquilo que o homem tem de específico e que o distingue das coisas é justamente o facto de estar referido a possibilidades e, portanto, de não existir como realidade simplesmente-presente. O termo existência, no caso do homem, deve entender-se no sentido etimológico do *ex-sistere*, estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente presente na direção da possibilidade (VATTIMO, 1989, p. 25).

Essa negatividade ontológica possibilita que *Dasein* exista em um mundo como projeto e, a cada vez, exerça um modo de ser. O mundo, neste sentido, tem um caráter polis-



sêmico, uma vez que é composto por uma rede referencial nos modos de se relacionar, bem como é carregado de tradições historicamente sedimentadas (a obrigatoriedade de usarmos vestimentas e o modo como as utilizamos em determinados ambientes, é um exemplo). A rede referencial tende a orientar como os seres se relacionam com os significados do mundo, normatizando e normalizando o ser, uma vez que o lançamento neste mundo permite a fuga da indeterminação da existência (CASANOVA, 2017).

Segundo o mesmo autor, “o mundo é o correlato intencional do existir. No que o existir acontece, o mundo se abre” (CASANOVA, 2017, p.115). Não é a partir de uma subjetividade e cognição que nos organizamos no mundo ou que damos sentido ao que nos interpela. Diferentemente do que é pontuado pela metafísica, o ser-aí não pode ser visto como indivíduo pré-determinado, enquanto sujeito dotado de essência, pois “é co-originariamente um ser junto a” (HEIDEGGER, 2009, p.157), cuja constituição de sua existência se dá a partir de sua absorção no mundo e as respectivas orientações que o atravessa. *Dasein* acaba, por assim dizer, esquivando-se de sua negatividade ontológica a partir de tentativas de categorização de si.

Esta substancialização do ser traz uma pretensão de que *Dasein* é dotado de propriedades, culminando em uma estabilidade ontológica a partir de propriedades ônticas. Dito de outra forma, o ser humano lida com a sua indeterminação originária de maneira atenuada ao se relacionar com o que já está previamente dado pelo mundo, como exemplifica CASANOVA (2021):

Ser um existente implica não ter inicialmente como escapar por si mesmo de sua nidade, mas precisar incontornavelmente que alguma instância o arranque de saída de sua estrangeiridade absoluta e promova a possibilidade de conquistar direções existenciais específicas (CASANOVA, 2021, p.396).

Sendo assim, absorvido nas tramas de sentido e significados, *Dasein* reforça a crença de que é um ser dotado de propriedades subsistentes a partir de alguns modos de organização espaço-tempo-corporais, atravessados pela tradição encurtada (por exemplo, a produção de identidade de gênero ou, inclusive, como será abordado adiante, o enquadramento do amor e seus modelos de relação).

O caráter constitutivo da existência do ser-aí e sua esquiva da negatividade ontológica a partir da absorção no mundo fático, culmina em um olhar acrítico e comum (quotidianidade média/inautêntico) no modo de compreendê-lo (LOPARIC, 2003), fazendo parte da dinâmica constitutiva do existir a absorção na impropriedade. Portanto, *Dasein* tende a manter-se na inautenticidade, uma vez que há a prevalência de compreensões derivadas daquilo que é hegemônico, familiar (ir à escola, fazer faculdade, trabalhar, opiniões a res-



peito de determinadas temáticas, são exemplos de comportamentos familiares).

A partir da familiaridade com esses campos, *Dasein* se organiza no mundo. Todas as nossas possibilidades de ser são resultantes dessa organização, da totalidade significativa estruturada por sentidos pretensamente positivos que sustentam a estabilidade dos campos significativos em geral (CASANOVA, 2021). Vale ressaltar que esta inautenticidade pode também ser denominada decadência (do latim *cadere*), no sentido de movimentação do ser. Não há uma conotação negativa neste modo de se relacionar com o mundo, apenas uma descrição de como, usualmente, *Dasein* se dedica à convivência (HEIDEGGER 2012). Justamente por *Dasein* ser indeterminado, “ele não pode ser antes de ser e precisa, com isto, se confundir com os seus modos de ser em geral” (CASANOVA, 2017, p.119).

Embora a negatividade ontológica fique atenuada nesta absorção no mundo, não há a eliminação da indeterminação da existência, fazendo o *Dasein* sempre ter que lidar com a sua nadaidade.

O amor romântico e sua construção identitária

A partir do que foi elucidado até aqui, entende-se que *Dasein* habita em uma rede inautêntica suportada pelo mundo, sendo orientado em sua forma de agir e se relacionar a partir das referências que o mundo empresta. Seguindo o mesmo princípio, os sentidos e significados acerca dos relacionamentos foram se constituindo na modernidade e pós-modernidade e, por conseguinte, influenciando a compreensão do ser-aí quando se trata desta temática, como vemos a seguir:

O estar-aí está sempre junto com os outros, tem a tendência a compreender o mundo segundo a opinião comum, a pensar o que se pensa (...) As opiniões comuns partilham-se não porque as tenhamos verificado, mas apenas porque são comuns. Em vez da apropriação originária da coisa, verifica-se aqui a pura ampliação e a pura repetição do que já se disse. (LOPARIC, 2003, pp.42-43)

O campo existencial de significados pré estabelecidos acaba por possibilitar que *Dasein*, de início e na maioria das vezes, aja como os outros agem e acabe não se distinguindo (CASANOVA, 2017). Neste sentido, cabe o questionamento: de que visão hegemônica estamos nos referindo aqui?

Em revisão histórica e psicossocial sobre ideologias sexuais, GUEDES (2010) aponta que na época pré-moderna o conceito de relacionamento amoroso e sua noção de afeto não existiam, uma vez que não havia ênfase na subjetividade e sim na coletividade. Também neste sentido, NOGUERA (2020) pontua, embasando-se na compreensão do povo dagara, que amor não é uma emoção individual, tendo em vista que “amar exige apoiar e



ser apoiado por outras pessoas, inclusive os ancestrais” (NOGUERA, 2020, p.22), além de exigir um exercício de autoconhecimento.

Na modernidade, com a instituição da subjetividade como forma hegemônica de compreender o ser, o conceito de relacionamento amoroso também ganha outra forma. Segundo HAN (2017), a crise do amor sofre influência de uma sociedade que está cada vez mais narcisista, tendo seu comportamento focado principalmente em uma suposta subjetividade, no investimento em si - o que remete aqui a uma herança da metafísica correspondente ao conceito de homem-sujeito. Isso é derivado de uma tradição na qual encaramos o outro (e nós mesmos) como um indivíduo isolado. Diferente da metafísica, “a abertura a si do *Dasein* não é do tipo da reflexão, porque esta abertura a si passa sempre pelo mundo” (HAAR, 1990, p.18). Como já pontuado anteriormente, o ser-aí é indeterminado e, como existência, é co-originariamente um ser-com que se relaciona em um mundo compartilhado. Diariamente nos relacionamos com o mundo - e com os outros - visando o ofuscamento da indeterminação de nossa existência.

O comportamento performático do uso de redes sociais que contabilizam a quantidade de pessoas que ‘curtiram’ alguma publicação (normalmente foto) é um exemplo emblemático, assim como aplicativos de relacionamentos amorosos, que usufruem de ideais utilitários - e descrições também performáticas - para as pessoas iniciarem a sua avaliação criteriosa sobre quem elas devem ou não iniciar um diálogo. Sempre buscamos nos determinar, nos categorizar para podermos fugir de nossa nudidade. O outro, que vem ao nosso encontro, também possui o mesmo objetivo.

Vale ressaltar a importância de olharmos para o amor romântico como uma forma hegemônica de relacionamento e que, em certa medida, acaba por ofuscar a nossa indeterminação, uma vez que encobre a condição da indeterminação de duas pessoas se relacionando. O ser-aí não é determinado e não precisa ficar cristalizado em uma única forma de ser. O ser-aí é poder-ser, é abertura. No discurso romântico, fala-se sobre a ‘metade da laranja’, um conceito essencialista, que acaba por favorecer a recusa da negatividade ontológica, uma vez que descreve o ser como alguém que, definitivamente, vai encontrar uma pessoa que se encaixe com o seu jeito de ser, com as suas ideias, projetos, vícios. Alguém que compre o pacote completo e que ‘foi feito para mim’, um ser dotado de características específicas e imutáveis. Tal pensamento nos encaminha para uma compreensão de ser humano como alguém encapsulado, determinado, destituído de sua base ontológica. O amor romântico, em certa medida, não respeita a condição humana de transitoriedade, o que ainda pode favorecer a desresponsabilização de si aos próprios projetos.

Em 2019 foi lançado o filme “*História de um casamento*” (diretor Noah Baumbach, Estados Unidos da América), que trata da narrativa acerca de um casal se divorciando e o desenrolar deste processo na vida de cada um. Ao longo da história, o filme mostra a



escolha da protagonista de não investir em uma carreira supostamente promissora como atriz de cinema e televisão em detrimento do investimento nas peças de teatro dirigidas pelo seu companheiro. O roteiro do filme nos leva a compreender o desgaste da relação amorosa, bem como as dores de cada protagonista. Por um lado, mostra uma mulher que se dedicou ao relacionamento abdicando de certos desejos em prol daquilo que aparentava fazer sentido para si. De outro lado, um homem com certa determinação, que dificilmente abdica de seus desejos pelo bem estar da esposa e, quando insatisfeito, trai. Definitivamente existe uma crítica aos papéis sociais, mas não nos aprofundaremos nele aqui, embora seja extremamente relevante. O exemplo desse filme é fundamental para a nossa reflexão, uma vez que seu clímax chega na discussão intensa que o casal tem sobre o relacionamento, exaltado na seguinte frase do marido: “nós dois sabemos que você escolheu aquela vida. Você a quis até mudar de ideia”. Quem nunca mudou de ideia e, fatalmente, a rota de sua vida? É importante, inclusive, que se questione quando alguém não consegue atualizar os seus desejos e rumos diante de situações novas ou ao longo de sua jornada. Mudamos de ideia em relação à profissão, time, opiniões, política, nos reconstruímos todos os dias. Por que no relacionamento amoroso seria diferente?

Nesta frase do filme fica evidente o quanto a arte imita a vida ao colocar a impermanência da existência como uma questão negativa, quando, na verdade, é justamente o dinamismo e a nossa abertura para poder-ser que nos constitui como existentes. Como não esperar que o outro se transforme? Como considerar que não haverá reflexão sobre a existência e as possibilidades que o mundo constantemente nos traz? O amor romântico não respeita a condição de transitoriedade quando induz que as pessoas acreditem na permanência, no ‘feito um para o outro’, sem a possibilidade de se refazer, de se modificar ou, caso se modifique, que o outro precisa, necessariamente, acompanhar.

A não aceitação da indeterminação desemboca em uma crença de que o outro vai sempre cumprir com alguma expectativa que, provavelmente, no começo da relação foi correspondida. Por vezes acontece da pessoa mudar e acreditar que o outro vai acompanhá-la em seu processo. É comum, nessa fase do relacionamento, que algumas pessoas se violentem para se encaixarem na relação ou violem o outro, para que ele se encaixe. O que atualmente é denominado relacionamento abusivo reside justamente nessa violência de tentar moldar e engessar o outro a partir da transitoriedade (nem sempre bem vista) do outro, sem respeitar a própria condição, tempo e projetos, bem como exigir que o outro nos acompanhe em nossas compreensões. Em que medida é importante que o outro mude? Qual o limite da minha mudança para sustentar um relacionamento? Qual a função dessa procura por estabilidade?

É a partir dos sentidos e significados que nos interpelam, que sustentamos um olhar sobre nós, os outros e o mundo. Sendo assim, nos desvelamos para os outros pautados



em determinada compreensão de modos de ser no mundo. Em consonância com o que foi posto até então, a psicanalista Ana Suy (2022) infere que, quando temos uma fantasia de completude, buscamos no amor uma tentativa de preenchimento de nós mesmos, “tendemos a tomar a diferença do outro como desamor, a tomar a outridade do outro como rejeição”(SUY, 2022, p.50). Dito de outra maneira, não existe alteridade.

É, possivelmente, neste momento que nasce o modo de ser nomeado como abusivo, no qual espera-se que a nossa compreensão de mundo seja completamente absorvida pelo outro e vice-versa. Por um lado, existem pessoas que podem possuir um campo existencial mais restrito, isto é, suas experiências são privadas e com poucas referências de mundo, ou dificuldades em exercer o poder-ser e que, ao se relacionarem com outras, podem ‘apequenar-se’, comprimir o seu espaço vivido e suas referências de mundo. Neste sentido, o indivíduo tem seu espaço existencial modificado, alterando a tríade corpo-espaço-tempo, tornando seu existir vivido a partir de uma métrica existencial reduzida¹. Também podem, temporariamente, se beneficiar ilusoriamente de ter alguém que as orientem em seus modos de existir, auxiliando-as na atenuação de sua existência. Da mesma maneira que algumas pessoas fogem de ter de ser si mesmo a partir da expansibilidade do outro, por outro lado existe também as pessoas que se desocupam de si ao tentarem ocupar-se de outrem que está mais comprimido.

Pensando nos comportamentos atuais decorrentes do ideal de sujeito, podemos considerar o ‘amor próprio’, o investimento em si, também como termômetro do amor de outrem. Se o(a) parceiro(a), amigo(a) ou familiar não se empenhar no relacionamento, há o questionamento de seu interesse e do quanto vale a pena estar com esta pessoa, sem a suposta e famigerada “reciprocidade”. O relacionamento sustentado pela ideia de dedicação do outro para satisfação pessoal, de uma busca para preenchimento de critérios torna-se hegemônico e, qualquer desvio de conduta, passa a ser malvisto e negado, dando margem para a aniquilação da alteridade, como pontuado anteriormente.

Utilizando-se do pensamento de HAN (2017), a modernidade entende que um relacionamento é digno de investimento quando pressupõe que esta troca garanta sucesso, pois dessa maneira há a possibilidade de uma confirmação de si pelo outro. Não há a percepção do outro como alteridade, apenas uma extensão de si aos olhos de outra pessoa e, assim, “em lugar de proximidade surge a falta de distanciamento (HAN, 2017, p.28)”.

Pensar em reciprocidade, dedicação e bem-estar completo no relacionamento, implica em considerarmos que o outro pode, quer e consegue se relacionar tal como nos relacionamos e nos dedicamos para ele:

1 Sobre modos de experiências alteradas de espaço, ver Josgrilberg, 2019. Sobre o tema da Topologia do Ser, ver Saramago, 2008.



Hoje em dia o amor é positivado numa fórmula de fruição. Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, uma narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de emoção ou excitação inconsequente. Está livre da negatividade da vulnerabilidade, do assalto e da derrocada. [No amor], decair já seria muito negativo. Mas é precisamente essa negatividade que perfaz o amor. [...] A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão (HAN, 2017, p.29).

Novamente aqui, a partir da citação de Han, podemos pontuar como, paulatinamente, a modernidade acaba por favorecer a esquiva de *Dasein* de sua negatividade. O amor enquanto vulneração significaria uma maior entrega para a imprevisibilidade da vida. De certa forma, a ideia de investimento em si, o conceito de “amor próprio” e a visão sobre como o outro deve demonstrar amor, fazem parte de um tipo de violência identitária. Segundo CASANOVA (2021):

o modo de relação com os outros e com as coisas com as quais alguém se ocupa: tudo isso se acha de antemão instituído. A questão, por sua vez, é que campos de realização de ações não são apenas campos nos quais se levam a termo as atividades em geral, mas também campos nos quais se conformam cotidianamente os espaços, os tempos e os corpos. [...] Assim, a paleta da violência identitária se revela em seu espectro fundamental. Questões de relacionamento, experiências de vazio, sobrecargas ligadas a todo tipo de submissão de si a exigências mundanas, modos divergentes de lidar com as coisas, com os outros e consigo mesmo, tanto quanto modos dissonantes de espacialização do espaço, de temporalização do tempo e de corporação dos corpos são sempre tendencialmente patologizáveis, o que por princípio envolve uma dose adicional de violência no processo cotidiano da identidade normal e normativa. [...] Não há como escapar de saída e na maioria das vezes do mundo fático sedimentado. Mais do que isso: essa absorção é absolutamente imprescindível para que o existente humano alcance uma estabilidade e uma orientação que ele não possui em si mesmo. (CASANOVA, 2021, pp.404-405)

Como dito anteriormente, o ser tem a tendência de comportar-se conforme a massa e, nos tempos modernos, os relacionamentos têm sido atravessados pela impossibilidade do sofrimento, da doação e fragilidade. Só há espaço para a potência, desenvolvimen-



to e sucesso. Segundo BEZERRA & MONTOTO (2018), diante da ascensão tecnológica, a população desencadeou uma percepção acelerada do tempo e espaço a partir de um *modus operandi* que consiste em produção, velocidade e comunicação: “os indivíduos são percebidos como sujeito participantes da sociedade a partir daquilo que consomem e, como consequência, todas as relações sociais são mediadas pela lógica consumista” (BEZERRA & MONTOTO, 2018, p. 14). Neste sentido, as relações contemporâneas estão sedimentadas na lógica da satisfação, ou seja, se a satisfação/prazer diminui ou acaba, há a possibilidade de troca por outra relação que ofereça aquilo que a pessoa está buscando, exatamente como fazemos com as mercadorias. Segundo os autores, essa dinâmica favorece o desenvolvimento de inseguranças e fragilidades dos laços, já que é a satisfação pessoal que sempre prevalece (BEZERRA & MONTOTO, 2018).

Por fim, este comportamento de produção, velocidade e consumo atravessa os relacionamentos amorosos com o acréscimo da idealização romântica, cuja base reside na pretensão de que temos propriedades sólidas que preenchem e satisfazem os outros. Quando isto não acontece, o relacionamento é tido como fracasso e seguimos em uma busca desenfreada até conseguir outro a fim de tentarmos nos preencher novamente. É na cristalização de uma forma de agir, na compreensão hegemônica de como devemos nos relacionar amorosamente - ou como o outro deve se relacionar comigo - que a violência se instaura.

Um convite para a ressignificação dos relacionamentos

Como pontuado anteriormente, para *Dasein*, existir envolve se auto-organizar a partir de compreensões pré estabelecidas no mundo. Quando um fenômeno aparece, nunca vem de maneira isolada; sempre aparece em rede, fornecendo orientações para cada ser de como se comportar em um contexto específico.

Segundo CASANOVA (2021), os modos de organização tendem a se naturalizar, normalizar, e podem perder o caráter de orientação quando restringem a existência em modos de organização hegemônicos, caracterizando-se pela violência identitária. Olhar as formas de se organizar como se fossem únicas, empobrece o campo existencial dos seres. Qualquer modo de organização hegemônico tende a ser violento.

Sendo assim, quando pensamos em uma base romântica para os relacionamentos, estamos desconsiderando a transitoriedade devido a negação de nossa impermanência, mas também, tradicionalmente decretamos que a monogamia, por exemplo, é a forma mais adequada de se estabelecer uma parceria. Muitos casais adotam o relacionamento monogâmico e toleram infidelidades mútuas em prol da normativa do casamento, quando poderiam entender as respectivas demandas e desejos que possuem como casal e instituírem a não monogamia. O amor romântico tem sua normativa: namorar, noivar,

casar e ter filhos e que, por muitos anos, orientou a vida das pessoas, fazendo com que amigos e familiares esperem que o próximo passo seja tomado quando um casal está junto há um certo tempo. No consultório, é muito comum ouvir relatos de pacientes que se sentem pressionados pela família para casar ou ter filhos. Mais grave ainda, mulheres que, ao chegarem aos 30 anos, começam a se preocupar e submetem-se a uma série de exames e procedimentos para engravidar, mesmo que não sintam que seja o melhor momento em suas vidas. Tudo isso pode ser considerado violência identitária, uma vez que essas normatizações e normalizações trazem restrições existenciais e, principalmente, sofrimentos, pois há uma submissão intensa ao que é pré-determinado.

Como explicitado anteriormente, faz parte da nossa condição tentar fugir de nossa nadidade. Sendo assim, a orientação do mundo acerca de como agir e pensar é, na maioria das vezes, inescapável. Como ressaltado no exemplo do filme, neste sentido, o indivíduo que possui um campo existencial mais comprimido - no caso, a mulher que se contorceu para se encaixar no modo de ser mais determinado de seu marido, se apoia no outro para exercer o seu ser. O outro vem para maquiagem a nadidade de sua existência e ela acaba se envolvendo em um horizonte de significados que, após certo tempo, deixa de fazer sentido para ela. Da mesma maneira, para ele, ter alguém que não o acompanha em seus desejos o faz sentir-se vulnerável e o leva a traí-la. Ela deixou de ser alguém com quem ele pudesse se ocupar como antes. Como HAN (2017) explicita, deixa-se de perceber a alteridade para olhá-lo apenas como extensão, sombreando a negatividade e utilizando do relacionamento para anestesiá-la a nadidade. Quanto mais esse tensionamento a partir da maquiagem e ocultamento de nossa essência acontece, mais violento ele se mostra.

A tarefa da psicoterapia nesses casos é trabalhar justamente com a ideia de amor como vulnerabilidade, pois qualquer relacionamento pode nos convidar a nos experimentarmos de diversas maneiras, bem como existe também a possibilidade de aumentarmos o nosso campo existencial e trabalharmos a ideia de impermanência. Freud já alegava que “nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor” (FREUD *apud* NASIO, 1997, p. 54). A não proteção, dita de outra forma, se dá justamente pelo fato de não termos garantia, não termos contorno e, principalmente, o outro também não. Ao validarmos essa compreensão, lidamos diretamente com a imprevisibilidade da condição humana. Da mesma forma, a infelicidade pode surgir, pois incessantemente buscamos algo (nesse caso, alguém) que nos dê contorno.

Durante o processo terapêutico, faz-se necessário questionarmos quais convites são feitos para nós e o que toleramos para seguirmos nos substancializando. Vale um exercício de responsabilização da nossa existência, a fim de evitar que, ora nosso comportamento seja de nos comprimir e nos violentar, ora de nos expandir e violentar o outro. É



preciso estar atento para lidar e trabalhar com estes possíveis modos de ser sem, necessariamente, tratá-la conceitualmente como abuso desde o início. Consideramos aqui o abuso um fenômeno que acontece a partir de uma violência mais específica, repetida, que rompe com alguma instância de familiaridade. De certo, a depender de como a dinâmica das relações são estabelecidas, pode evoluir para este tipo de violência. Porém, nomear o modo de se relacionar como decorrente de uma violência identitária, permite que se rompa com um padrão mais enrijecido devido a tradições encurtadas e abra um espaço de ressignificação de mundo e sobre o que é o amor - que não é único e permite diversas maneiras de experienciá-lo. Nestes casos, amplia-se a possibilidade para que a experiência ocorra antes da conceitualização, enriquecendo as possibilidades de ser e fomentando que as experiências mais singulares sejam compreendidas e acolhidas, tornando-as orientadoras de projeto de vida, na contramão das cartilhas morais que são, por sua vez, encurtadoras do existir.

“É sempre amor, mesmo que acabe. É sempre amor, mesmo que mude”, como dizia a música². Validar a nossa condição humana como poder-ser e entender que os relacionamentos podem se transformar sem entendê-los como fracassados quando terminam, nos permite experienciar a vulnerabilidade da impermanência, bem como enxergarmos o outro em sua alteridade. Isso propicia que os relacionamentos com o outro e com nós mesmos seja de maneira menos violenta, possibilitando uma diminuição dos abusos.

Por fim, utilizamo-nos das palavras de SUY (2022) ao dizer que quem faz análise se separa. Esta frase também não acolhe o caráter transitório do existir e, ainda, que haja a separação do parceiro, por muitas outras pode ser um convite para um rompimento de ciclos viciosos que permitam a “separação de determinada maneira de se relacionar” (p. 90), gerando novas formas de existir e estar-com. ●

2 Canção de Bidê ou Balde - Mesmo que mude



Referências bibliográficas

BEZERRA, A. F. & MONTOTO, C. C. **Os relacionamentos na modernidade líquida.** Revista Leitura Flutuante. v 10, n 2, 2018. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/35334/27740> Acesso em 25 de abril de 2022.

BRAZ, Ana Lucia Nogueira. **Origem e significado do amor na mitologia Greco-romana.** Estudos em Psicologia Campinas, Campinas, v. 22, n.1., 2005. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/t9YgFTm9ZpqRkWSWQzjqwbJ/?lang=pt> Acesso em 15 de novembro de 2022.

CASANOVA, M.A. **Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de ser e tempo.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

CASANOVA, M. A. **Existência e transitoriedade.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

DASTUR, F. & CABESTAN, P. **Daseinsanálise: fenomenologia e psicanálise.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

FORGHIERI, Y.C. **Fenomenologia e Psicologia.** São Paulo: Editora Cortez, 1984.

GUEDES, D. D. **Revisão histórica e psicossocial das ideologias sexuais e suas expressões.** Revista Mal Estar e Subjetividade, 10(2), 447-493, 2010. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200005&lng=pt&tIng=pt. Acessado em 31 de janeiro de 2022.

HAAR, M. **Heidegger e a essência do homem.** Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1990.

HAN, B.-C. **Agonia do eros.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

JOSGRILLBERG, F.P. **Possibilidades de tratamento a pacientes com experiências alteradas de espaço.** Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, 2019; 8(2): 53-70. Recuperado de <https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/954> Aces-



sado em 15 de abril de 2023.

LOPARIC, Z. **Sobre a responsabilidade**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2003.

NASIO, J-D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NOAH, B. **História de um casamento**. Online (137 min). Estados Unidos da América: Netflix, 2019.

NOGUERA, R. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

SARAMAGO, L. **A Topologia do Ser - Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Coimbra: Edições 70, 1989.

